

LEITURA DO TEXTO ‘ERRO DE PORTUGUÊS’, DE OSWALD DE ANDRADE PELO VIÉS DOS ATOS DE FALA, DE JOHN SEARLE

Noelma Oliveira Barbosa (SEC/BA)

noelma_barbosa@hotmail.com

Wiliana Carneiro Carvalho (SEMED/TO)

wilianaccarvalho@gmail.com

RESUMO

Este trabalho traz como propósito identificar estratégias de interpretação para textos metafóricos cujo léxico apresente predominância de significado literal. Adotamos como materialidade de estudo o texto “Erro de português”, de Oswald de Andrade, e como aporte teórico metodológico a Teoria Pragmática, do americano John Searle (1993), que defende as condições de verdade aplicadas ao significado e a primazia do sentido literal sobre a linguagem figurativa. Este estudo é do tipo bibliográfico e documental, com análise qualitativa. O texto em pauta é construído com base em diferentes inferências e primordialmente metafórico, cuja interpretação requer que se proceda a um ‘teste das informações’ que são intuídas. Esse processo de compreensão envolve a computação do significado literal; reconhecimento de inadequação semântica do léxico empregado e cálculo de significados alternativos que possam ser intencionados; finalmente, a determinação do significado mais adequado ao contexto. Percebe-se que a escolha do léxico não é o maior responsável pelos efeitos de sentido expresso pelo texto, pois as estratégias de construção empregadas não são predominantemente linguísticas, mas de ordem filosófica, histórica e cultural. Sua interpretação contempla tanto a questão da variedade linguística e gramática normativa quanto a discussão sobre a maneira como se deu a colonização portuguesa sobre o Brasil e o silenciamento da cultura indígena, bem como o ‘desvio’ da esquadra comandada por Pedro Álvares Cabral, em 1500, que ‘buscava a rota para o Oriente’. O contexto constitui critério essencial para que a compreensão do sentido metafórico se concretize. É nele onde o receptor infere o significado intencionado.

Palavras-chave:

Inferências metafórica. Sentido computado. Estratégias de sentido.

RÉSUMÉ

Ce travail vise à identifier des stratégies d’interprétation pour des textes métaphoriques dont le lexique a une prédominance du sens littéral. Nous avons adopté comme matériau d’étude le texte “Erro de Português”, d’Oswald de Andrade, et comme apport théorique et méthodologique, la théorie Pragmatique, de l’américain John Searle (1993), qui défend les conditions de vérité appliquées au sens et à la primauté du sens littéral sur le langage figuré. Cette étude est bibliographique et documentaire, avec une analyse qualitative. Le texte en question est construit sur la base de différentes inférences et il est principalement métaphorique, dont l’interprétation nécessite un « test de l’information » intuitive. Ce processus de compréhension implique de calculer le sens littéral; reconnaissance de l’insuffisance

sémantique du lexique utilisé et calcul des sens alternatifs qui peuvent être voulus; enfin, la détermination du sens le plus approprié au contexte. On remarque que le choix du lexique n'est pas le principal responsable des effets de sens exprimés par le texte, puisque les stratégies de construction employées ne sont pas à prédominance linguistique, mais de nature philosophique, historique et culturelle. Son interprétation inclut à la fois la question de la variété linguistique et de la grammaire normative ainsi que la discussion sur la manière dont la colonisation portugaise s'est déroulée au Brésil et le silence de la culture indigène, ainsi que la « déviation » de la flotte commandée par Pedro Álvares Cabral, en 1500, qui “cherchait la route de l’Orient”. Le contexte est un critère essentiel pour que la compréhension du sens métaphorique se réalise. C'est là que le récepteur infère le sens voulu.

Mots clés:

inférences métaphoriques. Sens calculé. Stratégies de Sens.

1. *Introdução*

O presente artigo busca refletir sobre estratégias de interpretação para textos metafóricos e com primazia de significado literal de seu léxico. Para tanto, adotamos como materialidade o poema “Erro de português”, de Osvald de Andrade, e como aporte teórico metodológico a Teoria Pragmática sobre a metáfora, de autoria do filósofo americano John Searle (1993), que trouxe importantes contribuições para a filosofia da linguagem, sobretudo, ao dispor sobre Atos de Fala. Este pensador usa o conceito de intencionalidade como algo primordial em seus trabalhos e defende as condições de verdade aplicadas ao significado e a primazia do sentido literal sobre a linguagem figurativa.

Este estudo é do tipo bibliográfico, abordagem qualitativa e de cunho interpretativo. O poema em pauta é construído com base em inferências de diferentes naturezas e primordialmente metafórico, cuja interpretação requer que se proceda a um ‘teste das informações’ que são intuitivas. Esse processo de compreensão envolve a computação do significado literal; reconhecimento de inadequação semântica do léxico empregado e cálculo de significados alternativos que possam ser intencionados; finalmente, a determinação do significado mais adequado ao contexto. Igualmente relevante nessa análise são as releituras da obra de Searle, realizadas por estudiosos como Araújo (2019), Amaral (2009), Fossile (2011), Uzai e Coelho (2013) e Duarte (2014).

As considerações finais chegam ao que: a escolha do léxico não é o maior responsável pelos efeitos de sentido expresso pelo poema, pois as estratégias de construção empregadas não são predominantemente linguísticas, mas de ordem filosófica, histórica e cultural. Sua interpretação

contempla tanto a questão da variedade linguística e a gramática normativa quanto à discussão sobre a maneira como se deu o ‘descobrimento do Brasil’, a colonização portuguesa sobre o Brasil e o silenciamento da cultura indígena brasileira.

2. Intencionalidade e atos de fala em John Searle

O conceito de intencionalidade é algo caro na história da Filosofia. Segundo Uzai e Coelho (2013), ele remonta aos filósofos medievais, significando para eles relacionalidade, e voltaria a ser usado no século XIX, por Franz Brentano, para quem o mundo divide-se em fenômenos físicos e psíquicos (atos mentais, tais como pensamentos, crenças, desejos). “Todo fenômeno psíquico aponta para um objeto que tem existência intencional para o ato mental. O objeto intencional é o que está contido no fenômeno psíquico” (UZAI; COELHO, 2013, p. 3) e só existe como o conteúdo interno do estado mental, à experiência do sujeito.

Já no século XX, John Searle adota o conceito de intencionalidade como algo central em diversas fases de seus estudos, teorizando, sobretudo, a respeito da relação desta com a linguagem e com o cérebro. Conforme Uzai e Coelho (2013), havia um esforço de Searle em naturalizar a consciência e, nessa direção, buscou naturalizar a intencionalidade, pois considerava que, se a consciência (ou mente) é um fenômeno natural, deve-se demonstrar que a Intencionalidade também o é. Para ele, “a intencionalidade é aquela propriedade de muitos estados e eventos mentais pelas quais estes são dirigidos para, ou acerca de objetos e estados de coisas no mundo” (SEARLE, 1995, p. 1, *apud* UZAI; COELHO, 2013, p. 5).

Duarte (2014) adverte que essa propriedade não é essencialmente linguística, embora possa ser explicada em termos de linguagem. Essa autora explica que Searle “analisa o caso da Intencionalidade dos estados mentais a partir dos diferentes ajustes que podem ter os enunciados com os fatos ou estados de coisas no mundo, correspondentes (ou não), às condições de satisfação do enunciado” (DUARTE, 2014, p. 69). Assim, os estados Intencionais possuem um “conteúdo representativo”, que diz respeito ao que estamos representando em nossa mente, e um “modo psicológico”, que corresponde ao que é a direção de ajuste, da mente para o mundo ou do mundo para a mente.

Para a teoria de Searle, essas questões relacionadas com a Intencionalidade, o modo psicológico e conteúdo representativo, derivam da

teoria dos atos de fala. Duarte (2014) lembra que as teses da teoria dos Atos de Fala de Searle se referem ao uso da linguagem, interpretações de questões, comandos, exclamações e enunciados usados não apenas com sentido descritivo. Nesse sentido, envolvem o ato locutório, a enunciação de palavras ou frases; o ato ilocutório, enunciação com natureza comunicativa e certas intenções (como mandar, avisar, perguntar, convidar, etc.) e, o ato perlocutório, que corresponde ao alcance que o ato ilocutório realiza sobre um ouvinte. Os atos ilocucionários se dividem em subcategorias, conforme a interpretação que o ouvinte faz segundo o conteúdo proposicional do ato proferido. Entretanto, há atos em que se observa a presença de diferentes subcategorias, são os que Searle chama de atos de fala indiretos. Nestes, a sentença pode significar o que diz ou algo a mais.

Conforme Searle (1995, *apud* DUARTE, 2014), dentre os diferentes pontos de aproximação entre estados Intencionais e atos de fala está o caso das diferentes *direções de adequação* e da *condição de satisfação*. O primeiro caso é utilizado “para analisar os estados Intencionais; por exemplo, para uma crença ser considerada adequada, ela terá que corresponder ao mundo”. Isso tem a ver com a noção de *direção de ajuste*, em que descrições, enunciados etc. “ajustam-se ao mundo exterior e autônomo de alguma maneira e são verdadeiros ou falsos na medida em que o ajuste se dá ou não” (DUARTE, 2014, p. 71). Já o segundo caso é observado quando estados intencionais com seus conteúdos proposicionais e direção de adequação têm condições de satisfação, determinados por seus conteúdos, ou seja, quando existe direção de ajuste tanto nos atos de fala quanto nos estados intencionais.

3. A teoria pragmática da metáfora em John Searle

A Teoria Pragmática da metáfora, de autoria de John Searle, defende as condições de verdade aplicáveis ao significado e a primazia do sentido literal sobre a linguagem figurativa e propõe distinguir o significado das palavras em si (significado literal) do significado de que elas se reverterem (o significado intencional) ao serem produzidas e interpretadas. A partir dessa distinção, o pesquisador problematiza algumas questões inerentes ao processo de reconhecimento e de compreensão metafórica.

Searle parte da noção de atos de fala em detrimento da função descritiva da linguagem para analisar sentidos metafóricas. Nesse processo, faz crítica as teorias que localizam o seu significado na frase. Além das críticas direcionadas a essas teorias, Searle (1993, p. 90) afirma que

objetiva preparar o terreno para o desenvolvimento de uma teoria da metáfora. Para isso, busca desconstruir a ideia de que ocorra mudança nos elementos lexicais de uma sentença para comportar o sentido metafórico. O autor considera que só pode haver sentido metafórico na intenção do falante e qualquer mudança no significado das palavras é fruto da intenção que o falante atribui à frase. Assim, sustenta que “a sentença nunca será metafórica” (SEARLE, 1993 *apud* FOSSILE, 2011b, p. 44).

O autor considera o princípio que distingue os atos de fala dos metafóricos, sustentando que não há coincidência entre o significado da sentença e o significado que o falante (intencionalmente) atribui ao sentido literal (significado da sentença). Esse autor acredita que o significado metafórico pode ser parafraseado, desde que isso resulte em uma farsa que expressa literalmente o que o falante quer significar ao produzir a metáfora. Nesse sentido,

Uma vez parafraseada literalmente a metáfora, comprova-se que é verdadeira se as condições de verdade forem cumpridas. [...] a metáfora resulta por conseguinte da disparidade entre o significado das palavras usadas e o significado intencionalmente atribuído pelo seu utilizador, que é concomitantemente o produtor/criador da própria metáfora, e que não corresponde ao significado literal. Neste enquadramento, a metáfora é definida como um tipo particular de acto de fala e, tal como os outros tipos, com uma força ilocutória própria. (AMARAL, 2009, p. 222-3)

Dessa maneira, para Searle (1993), só se tem paráfrase, quando o significado da sentença (SS) tiver as mesmas condições de verdade que o significado do falante (SF). Assim sendo, à luz da Teoria Pragmática de Searle, há um significado que as palavras literalmente transmitem e o intencionalmente divergente, que é o significado do falante, o qual constitui o significado metafórico. Sobre essa questão, Fossile (2011) enfatiza que a preocupação de Searle em formular uma teoria que seja capaz de diferenciar proferimentos metafóricos de oliterais, levou o autor a estabelecer que:

- a) Os proferimentos literais ocorrem quando o falante diz ‘S é P’, pretendendo significar nada além de ‘S é P’. Para esse autor, o que ocorre é que o falante situa o objeto S dentro da classe definida pelo conceito P e, nesse caso, o significado da sentença e o significado do proferimento são exatamente p mesmo” (FINGER 1996, p. 52 *apud* FOSSILE, 2011b, 45).
- b) Para os proferimentos não-literais Searle (1993) afirma que há três princípios envolvidos numa situação em que um falante

enuncia ‘S é P’, querendo dizer, metaforicamente ‘S é R’, onde R é diferente de P (FOSSILE, 2001b, p. 45).

Assim, de acordo com Searle (1993), temos nos proferimentos literais apenas o significado da sentença (SS), onde ‘S é P’ será exatamente igual a ‘S é P’. Já nos proferimentos não literais, além do significado da sentença (SS), temos o significado do falante (SF), em que ‘S é P’ será igual a ‘S é R’. Ou seja, nesse caso, quando dizemos ‘S é P’, intencionamos dizer que ‘S é R’.

Para que tanto os falantes quanto os ouvintes possam compreender os proferimentos metafóricos, Searle (1993) apresenta uma série de princípios, que devem ser compartilhados por ouvintes e falantes para que a comunicação seja possível. Ele considera que é a partir desses princípios que as metáforas são produzidas e compreendidas, pois “according to which the utterance of P can call to mind the meaning R in ways that are peculiar to metaphor.”⁵³ (SEARLE, 1996, p. 104). Tais princípios são sintetizados por Finger (1996, p. 53 *apud* FOSSILE, 2011a, p. 104) da seguinte forma:

1º Princípio – Tanto falante como ouvinte devem possuir algumas estratégias que sejam comuns a ambos para que sejam capazes de criar e reconhecer proferimentos que tenham tido ou não a intenção de serem literais.

2º Princípio – Ambos interlocutores devem partilhar princípios que os habilitem a computar valores possíveis de R e associar o termo P a esse conjunto. Durante a troca comunicativa, é nesse momento que o ouvinte, com base em seu conhecimento do mundo, extrai do termo P aspectos salientes, bem-conhecidos ou característicos que possam fornecer todos os valores possíveis de R.

3º Princípio – Finalmente, a partir do conhecimento do termo S, os interlocutores devem ser capazes de limitar a gama de valores possíveis de R para decidir qual é o valor de R intencionado pelo falante. Aqui, somente os valores possíveis de R que são considerados propriedades possíveis também de S podem ser os valores desejados de R.

Searle (1993) considera que esses princípios não são necessariamente independentes, são, porém, *individualmente necessários e coletivamente suficientes* para permitir a falantes e ouvintes *formar e compreender* enunciados do tipo “S é P”, em que o orador sugere metaforicamente que ‘S é R’ (SEARLE, 1993, p. 108).

First, there must be some shared strategies on the basis of which the

⁵³ [...] segundo os quais a enunciação de P pode trazer à mente o sentido de R de maneira que este seja peculiar à metáfora. (Tradução própria).

hearer can recognize that the utterance is not intended literally. [...]

Second, there must be some shared principles that associate the P term (whether the meaning, the truth conditions, or the denotation if there is any) with a set of possible values of R.

[...]Third, there must be some shared strategies that enable the speaker and the hearer, given their knowledge of the S term (whether the meaning of the expression, or the nature of the referent, or both), to restrict the range of possible values of R to the actual value of R⁵⁴. (SEARLE, 1993, p. 108)

Com essas três estratégias, Searle (1993), visa identificar se o enunciado é metafórico ou não, quais são os possíveis valores de R e possibilidades de selecionar interpretações. Nessa direção, Amaral (2009, p. 223) adverte que, com base na teoria de Searle, é reconhecido que o receptor deve ter uma sensibilidade “marcada pela cultura ou por qualquer efeito natural, para reconhecer a intenção do locutor e calcular o sentido intencionado mais adequado ao contexto comunicativo, através da percepção de uma conexão”. Sobre esses princípios, o próprio Searle (1993) ressalta que eles não devem ser exaustivos e sugere a possibilidade de haver mais.

4. Análise Metáfora do texto “Erro de Português” de Oswald de Andrade

Oswald de Andrade foi um dos participantes ativos da Semana de Arte Moderna de 1922 e fez parte da primeira geração do Modernismo brasileiro, cujo propósito maior era a difusão da ideia de que o passado histórico brasileiro e as tradições culturais fundadoras do país precisavam ser revisitados com criticidade. O seu poema “Erro de Português”, que constitui a materialidade de análise deste trabalho, foi escrito em 1925 e pertence ao livro intitulado “Primeiro caderno de poesia do aluno Oswald de Andrade” (1927), também de sua autoria.

⁵⁴ Em primeiro lugar, deve haver algumas estratégias compartilhadas com base nas quais o ouvinte pode reconhecer que o enunciado não se destina literalmente. [...] Em segundo lugar, deve haver alguns princípios comuns que associam o termo P (se o significado, as condições de verdade ou a denotação se houver) com um conjunto de valores possíveis de R. [...] Em terceiro lugar, deve haver algumas estratégias compartilhadas que possibilitam ao falante e ouvinte, dado o seu conhecimento do termo S (o significado da expressão, ou natureza do referente, ou ambos), restringir o intervalo de valores possíveis de R para o valor real de R (Tradição própria).

Erro de português

Quando o português chegou
debaixo duma bruta chuva
vestiu o índio
que pena!

fosse uma manhã de sol
o índio tinha despido o português.

(Primeiro Caderno de Poesia do Aluno Oswald de Andrade)

Disponível em: <https://recantodopoeta.com/erro-de-portugues/>.

O texto em pauta ilustra algumas das principais características de seu autor, a exemplo da ironia e metalinguagem, bem como o gosto pela crítica à elite burguesa. Fiel ao contexto de produção e construído com base em inferências de diferentes naturezas, sugere uma discussão que não é apenas de ordem histórica e linguística, mas também cultural e filosófica, quanto à colonização portuguesa sobre o Brasil e o consequente confronto com a cultura indígena brasileira.

Observe que, apesar de uma construção lexical bastante trivial, o poema apresenta efeitos metafóricos bem acentuados. Nesse caso, e considerando o aporte teórico e metodológico adotado neste estudo, há que se proceder a uma espécie de teste das informações que são intuídas pelo texto, utilizando o que Amaral (2009) chama de *cálculo de significados alternativos* para as expressões figurativas, o que, no referido texto, poderia ser realizado desde o título.

Sobre essa questão, Searle (1993) afirma que as condições de verdade aplicáveis ao significado e a primazia do sentido literal sobre a linguagem figurativa deve ser priorizados na interpretação da metáfora. Este autor parte da noção de atos de fala em detrimento da função descritiva da linguagem para se posicionar relativamente à metáfora. De acordo com estudos realizados por este pesquisador, eis o que diz Amaral (2009):

O processo de compreensão inicia-se com a computação do significado literal; seguidamente o receptor do acto ilocutório reconhece a sua inadequação, procedendo ao cálculo de significados alternativos que possam ser intencionados e finalizando com a determinação do significado mais adequado ao contexto. Assim, o contexto constitui o critério essencial a aplicar para que a compreensão-interpretação da metáfora se concretize, porque é em contexto que o receptor da mensagem infere o significado intencionado. (AMARAL, 2009, p. 226)

Nesse sentido, o texto “Erro de Português” sugere uma discussão linguística, filosófica, histórica e cultural quanto, (i) a questão da variedade linguística e a gramática normativa, (ii) a maneira como se deu a colonização portuguesa sobre o Brasil e o conseqüente silenciamento, quase que total, da cultura indígena e, (iii) o *desvio* da esquadra comandada por Pedro Álvares Cabral, em 1500, que buscava a rota para o Oriente e acabou chegando ao Brasil.

Vê-se que a escolha do léxico não é o maior responsável pelos efeitos de sentido expresso pelo texto em questão, também não seria necessário. Para Black(1993, p. 23), “uma metáfora bem-sucedida é realizado no discurso, está consagrado no texto, e não precisa ser tratada como um crivo”. Segundo esse pesquisador, o escritor pode empregar meios convencionais para produzir um efeito fora do padrão, com a utilização apenas de recursos sintáticos e semânticos padrões de sua comunidade de fala. Assim, uma mesma afirmação metafórica pode receber um número de diferentes leituras, as quais podem até mesmo aparecerem conflitantes (Cf. BLACK, 1993).

Brack (1993) afirma que a ambigüidade é ingrediente necessário à leitura metafórica, a qual cabe apenas ao contexto resolver. Nesse sentido, Searle (1993) sustenta que é necessário uma troca comunicativa, capaz de extrair dos conhecimentos de mundo, tanto do falante quanto do ouvinte, aspectos que possam fornecer os valores possíveis para o significado intencionado pelo falante. Assim, a determinação do sentido mais próximo, nessa situação, acontece à medida que vai sendo realizada a leitura do texto e identificadas as metáforas presentes nele, a partir do seu contexto.

Conforme se observa, o recurso *metáfora não* é o principal responsável pela construção da comunicação textual, embora não tenha sido mencionada diretamente no processo de interpretação. Nesse caso, a leitura é conduzida a partir dos efeitos de sentido presentes em dualidades semânticas, que realçam a relação de oposição entre o português e o índio e somente podem ser entendidas como sendo metafóricas por do entendimento dessa relação de oposição: *vestir/despir*, *chuva/sol* e *manhã/noite*. Esta última implícita em bruta chuva, com a menção feita à da Carta de Caminha⁵⁵. Essa menção reforça os efeitos produzidos com tais

⁵⁵ Entende-se que há uma menção às informações contidas no seguinte trecho da Carta de Pero Vaz de Caminha: [...] e ao sol posto, obra de seis léguas da terra, surgimos âncoras, em dezenove braças – ancoragem limpa. Ali permanecemos toda **aquela noite**. E à **quinta-feira, pela manhã**, fizemos vela e seguimos. [...] lançamos âncoras em frente à

dualidades, pois traz à tona o choque cultura dos anos de 1500, entre colonizador e colonizado.

Como pode se observar, isso explica apenas parcialmente os sentidos metafóricos do texto, pois é preciso pensar também no contexto do autor (seu papel literário e social), importante para que se leia o texto com os *olhos do autor*, ou seja, para compreender a sua intencionalidade. Dessa maneira, entende-se, não apenas a situação focada com a intertextualidade realizada, mas a crítica que o texto faz ao processo de colonização, como um todo.

Assim, conforme sugere a Teoria Pragmática de Searle, no sentido de que o significado da metáfora não está localizado na sentença e que as palavras mantêm o seu sentido literal, há uma literalidade aparente no léxico do poema em pauta, que, após sere computado, mostra algumas incompatibilidade de informações acerca do referente. Isso ocorre, sobretudo, ao se aplicar o sentido literal das dualidades vestir/despir, chuva/sol e manhã/noite ao contexto da chegada do colonizador português ao Brasil. Os efeitos intuídos nessas dualidades e no conjunto do texto só se evidenciam por meio de uma troca comunicativa com o leitor.

Essa troca comunicativa extrai dos conhecimentos de mundo, tanto do falante quanto do ouvinte, aspectos que possibilitam a interpretação do significado intencionado pelo falante, a partir da determinação do sentido mais próximo. Esse teste de sentidos acontece à medida que vai sendo realizada a leitura do texto e identificados os efeitos metafóricos presentes nele, a partir do seu contexto. Visto que é nele que ambos interlocutores partilham princípios culturais, filosóficos e históricos que os habilitam a computar valores possíveis de serem associados às sentenças e ao conjunto do texto.

5. Conclusão

A análise da materialidade em questão mostra que a escolha do léxico não é o principal responsável pelos efeitos de sentido expressos no texto, pois as estratégias não são predominantemente linguísticas, mas de

boca de um rio. E chegaríamos a esta ancoragem **às dez horas** pouco mais ou menos. Na **noite seguinte**, ventou tanto sueste com **chuvaceiros** que fez caçar as naus, e especialmente a capitânia. **E sexta pela manhã**, às oito horas, pouco mais ou menos, por conselho dos pilotos, mandou o Capitão levantar âncoras e fazer vela (grifos nossos). Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf.

ordem filosófica, histórica e cultural.

Nesse caso, para proceder à leitura e desfazer possíveis ambiguidades na computação dos sentidos, deve ser considerado o contexto, pois ele constitui-se critério essencial para que a compreensão do sentido metafórico se concretize. É nele em que o receptor infere o significado intencionado, tanto o contexto do referente, dos anos de 1500, quanto o do autor, século XX, representando o momento de tomada de consciência com relação ao passado histórico e as tradições culturais, bem como o desejo de redescoberta do Brasil ou de reconstrução de sua cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Rosa Maria Baptista. *A metáfora na compreensão e interpretação do texto literário*. Tese (Doutorado em Psicolinguística) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal, 2009. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/19276>. Acesso em dezembro/2021.

ANDRADE, Oswald. Erro de Português. In: _____. *Primeiro de poesia do aluno Oswald de Andrade*. Disponível em: <https://recantodopoeta.com/erro-de-portugues/>. Acesso em março/2022.

BLACK, Max. More about Metaphor. In: ORTONY, A. (Ed.). *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

BRASIL. Ministério da Cultura. A carta de Pero Vaz de Caminha. In: Fundação Biblioteca do Brasil. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf. Acesso em: abril/2022.

DUARTE, Bruna M. L. Estudos sobre linguagem e Filosofia da Mente segundo John Searle. *Revista Filogenese*, v. 7, n. 1. Marília, 2014. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/6brunaduarte.pdf>. Acesso em: março/2022.

SEARLE, John R. Metaphor. In: ORTONY, A. (ed.). *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

UZAI JUNIOR, Paulo. COELHO, Jonas Gonçalves. Mente e Intencionalidade em Jhon Searle. *Revista de Iniciação Científica da FFC*, v. 13, n. 1. Marília, 2013. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/ric/article/view/2750>. Acesso em março/2022.